

# CIÊNCIA & CULTURA

## Arqueologia em conta-gotas

Fernanda d'Oliveira

A Ediouro lança no mercado uma coleção pelo menos curiosa e por demais hilária. É o *Manual do Blefador*, da série Humor/Cultura Geral, com pequenos livros que contêm fatos e terminologia técnica, transmitindo o conhecimento de experts numa linguagem leve e simples. Como exemplo *Tudo o que você precisa saber sobre Arqueologia para nunca passar vergonha*, do arqueólogo americano Paul Bahn.

Na contracapa, num texto engraçado que mostra bem o espírito do livro, no fundo transmitindo o que é Arqueologia, mas, que, pela proposta da coleção, ensina brincando: "após ler este livro, você estará apto a: denunciar a verdadeira idade da múmia da sua sogra; identificar de que era se origina o dinossauro de seu chefe; descobrir quem foi a "louca" que roubou "aquilo" da múmia dos Alpes; decidir-se por não seguir a carreira de arqueólogo".

**Definições** — Cheio de definições, o *Manual do Blefador* sobre Arqueologia fala quanto ao perfil do profissional, os tipos, o trabalho desenvolvido, escavações e levantamento topográfico, especialistas, fraudes, arqueologia impressa, campos de especialização e glossário. A definição de Arqueologia é uma loucura, embora extremamente lógica: "Se História é cascata, arqueologia é sucata. Essa profissão bizarra consiste em procurar, restaurar e estudar os refugos deixados pelos seres humanos do passado. Os arqueólogos são, portanto, o oposto preciso dos lixeiros, embora costumem vestir-se de forma semelhante".

O capítulo ainda ensina o bê-a-bá do blefador numa roda de conversa; como este deve agir para sempre ter uma resposta. Suas qualidades e a própria imagem são assim definidas: "São necessárias qualidades muito especiais para dedicar-se a problemas sem solução e a remexer no lixo de gente morta: palavras como "masoquista", "abelhudo" e "louco de pedra" logo vêm à mente. É por isso que a excentricidade é o rótulo da profissão. (...) A imagem popular dos arqueólogos é de uma turma de doidos ou párias cobertos de poeira e teias de aranha. O blefador, entretanto, afirmará com um sorriso inteligente, que isso nem sempre é verdade: alguns deles são apenas distraídos e há até aqueles que se mantêm limpos".

O dia-a-dia de uma escavação arqueológica está descrita em *arqueolo-*

*gia de campo*, ampliando para *encontrando sítios, escavação* (com todas as funções da equipe), *leis fundamentais* e até os apetrechos para se levar numa escavação. A partir de toda a informação reunida no campo, o capítulo *os especialistas* mostra porque pessoas fora do próprio ramo arqueológico são chamadas para andamento dos trabalhos.

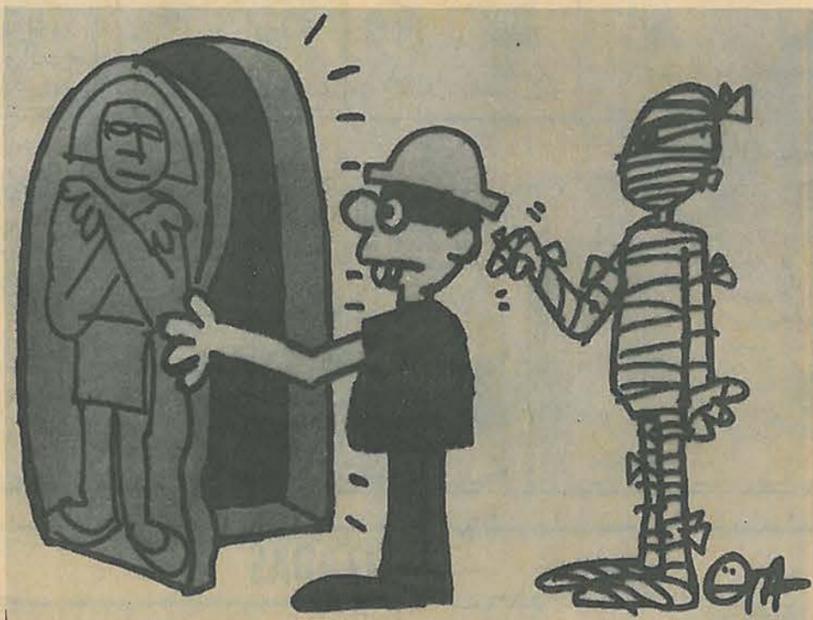
**Impressa** — Ao abordar a Arqueologia Impressa, outra máxima do autor: "Embora, atualmente, os países adiantados possuam incontáveis livros e jornais devotados à arqueologia, apenas uma pequena porcentagem é dedicada a disseminar conhecimento entre colegas, tendo sua atenção voltada exclusivamente ao público, que normalmente paga a conta pelo trabalho. A vasta maioria das publicações arqueológicas é produzida com apenas um objetivo em mente: promoção pessoal.

Ao candidatar-se a empregos ou a fundos de pesquisa, um arqueólogo precisa apresentar uma lista de publicações com o *curriculum vitae* e uma lista impressionante pode fazer grande diferença para fins promocionais: não importa a qualidade, apenas a extensão. Tamanho é documento, no meio acadêmico".

Paul Bahn também dá o caminho das pedras, isto é, sugere várias estratégias para a publicação dos trabalhos arqueológicos: "Livros são problemas muito mais complexos que jornais, pois normalmente exigem muita pesquisa e redação. Mais uma vez, porém, há alguns ótimos atalhos para o blefador especialista. 1 — Aprenda a enrolar bastante (vide *Arqueologia Teórica*). 2

— Sintetize o trabalho dos outros (roubar de um só autor é plágio; mas, de muitos, é pesquisa); ou, melhor ainda, 3 — Sintetize seu próprio trabalho, misturando seus velhos artigos e dando-lhes forma de livro. Os poucos sortudos que conseguem blefar para a fama, logo descobrirão que os editores estão ávidos por lhes pagar dinheiro para colocar seu nome na capa de um livro para o qual contribuíram apenas com um prefácio insignificante".

Vamos, então, aos *estratagemas*: 1 — *Evasivas* — Uma regra básica para blefadores em publicação arqueológica é evitar dogmatismo e encher seu trabalho com "talvezes" e "possivelmente", o que proporciona maior chance de bater em retirada de forma organizada e digna, em caso de ataque ou em caso de provarem que você está errado. 2 — *Ofuscação* — Outra forma de por as críticas para escanteio é fazer sua prosa ficar tão obscura e tortuosa que ninguém, nem mesmo você, estará completamente certo do que foi dito ao terminar de lê-la. Este efeito de nuvem de fumaça, particularmente comum no trabalho teórico, é muito útil quando é provado que você estava errado, ou quando descobertas novas alteram a situação: você pode simplesmente alegar que foi mal-entendido e que não disse nada dessa natureza. 3 — *Enchendo Outro* — Estratagemas em publicações consiste em incluir muitas listas e tabelas, que ninguém se dará ao trabalho de verificar ou ler, mas que servirão para fazer seu trabalho parecer acadêmico e completo".



### Glossário

O glossário do *Manual do Blefador sobre Arqueologia* leva a sério o estilo "brincando é que se aprende":

\*\*\* **Área de Atividade**: confusão de artefatos onde os arqueólogos gostam de imaginar que alguma coisa aconteceu.

\*\*\* **Conferencista** — Alguém que fala enquanto todo mundo dorme.

\*\*\* **Hipocausto** — Um assoalho sob o qual circulava ar quente, aquecendo a sala de cima. O local de encontro de qualquer simpósio de arqueólogos constitui o exemplo perfeito.

\*\*\* **Hipótese** — uma adivinhação.

\*\*\* **Início/Fim** — Primeira e segunda partes de um período. Os arqueólogos adoram dividir períodos, fases e culturas em pedaços práticos como esses.

\*\*\* **Mumificação** — Método para preservar um corpo morto de forma a manter sua aparência em vida, que consistia em remover os intestinos e sugar o cérebro pelo nariz.

\*\*\* **Ritual** — Explicação para todos os fins, usada quando nada mais vem à mente.

\*\*\* **Teoria** — Uma série de hipóteses.

\*\*\* **Tipologia** — A classificação de ferramentas, cerâmica, etc. em categorias diferentes de acordo com sua forma, tamanho, data ou função. Ela requer uma mente extremamente organizada para apreciar esse tipo de coisa: Pitt-Rivers era um mestre da classificação e os arqueólogos alemães fazem uma festa com isso.